

Entre o saber que se inventa e a Verdade que se interroga; a posição do sujeito no início e no final da análise

“Amar é, essencialmente, querer ser amado”
J. Lacan, Seminário 11

Chego ao final da nossa 28 Jornada, cansada, mas com o sentimento de dever cumprido. Foi um ano de muita produção, muitos fóruns e discursões sobre o Saber, a Verdade e o Gozo. O seminário 17 “O avesso da Psicanálise” foi virado, ele sim, pelo avesso. Avesso que, como no Seminário, não explica nenhum direito. Trata-se, aqui, de uma relação de trama, de texto, de tecido... Um tecido que tem um relevo, que captura alguma coisa...

Avesso que é assonante com Verdade... *envers e verité*...

É uma pena que no português perdemos a assonância que existe entre as palavras “Avesso e Verdade” presente no francês. Sabemos como isso é caro na nossa clínica. A sonoridade das palavras, das letras...

A assonância é a figura de linguagem que consiste na repetição de sons vocálicos com a intenção de provocar um efeito de estilo, tão presente na fala dos nossos analisantes, tão presente na obra de Lacan. Afinal, o inconsciente é estruturado como uma linguagem...

As vogais podem ser repetidas em sílabas tônicas das palavras ou se destacar com uma determinada regularidade numa mesma frase. E, como disse Aurélio ontem, se o analista está ouvindo e não escutando, ele vai poder intervir na fala do seu analisante, e causar, quem sabe, é uma aposta, um efeito de interpretação.

As assonâncias são classificadas como uma figura de som, assim como a aliteração, outra figura de linguagem.

Aliás, as assonâncias são frequentemente usadas em associação com a aliteração para estabelecer paralelismo entre palavras, produzindo a rima ou um efeito.

Exemplos de assonância:

Essa desmesura de paixão
É loucura do coração
Minha foz do Iguaçu
Polo sul, meu azul

Luz do sentimento nu
(Linha do Equador – Djavan)

Já: O rato roeu a roupa do rei de Roma.

Essa frase, tão conhecida, é um exemplo claro de aliteração. Nela o som do R se repete no início das palavras.

Esse R, em uma análise pode ser até ser o R de Roma mas pode ser também o R de amoR.

O pato pateta pintou o caneco
(Vinícius de Moraes – O pato)

Aqui, a aliteração se dá pela repetição das letras P e T.

Chove, chuva
Chove sem parar
(Chove Chuva – Jorge Ben Jor)

A repetição do som do “ch” serve para reforçar a ideia de chuva, pois imita o som da chuva caindo.

Durante todo o ano “brinquei” de forma séria com as quatro letras - S, a, S1 e S2- e as escrevi nesse aparelho de quatro patas, com suas quatro posições, que serviu para Lacan, inicialmente, definir os quatro discursos radicais da psicanálise. As escrevi nos seus 4 lugares: o do agente, do outro, da produção/mais gozar e da Verdade, realizando, como ensinou Lacan, ¼ de volta. E, enquanto escrevia as quatro estruturas, fui tirando consequências teóricas/práticas dessa “escritura lógica discursiva”.

Refletindo sobre o saber que se inventa e a Verdade que se interroga em cada análise em intenção, me vi convocada a escrever sobre a posição do sujeito no início e no final de uma análise. Isso porque, como nos disse Bruno, citando Lacan no seu trabalho apresentado ontem, entre o saber e a Verdade, está situado o sujeito.

Nesse escrito, que hoje apresento para vocês, tento seguir a trama das diferentes posições ou lugares que o sujeito, suportado no corpo do analisante que nos procura, ocupa durante sua análise. Essas posições são o relevo que quero dar para esse texto.

Confesso que foi uma tarefa árdua porque, entre outros motivos, aqueles que tem como referência para sua prática a teoria psicanalítica e estudam ou estudaram os 26 Seminários de Lacan e seus escritos, já devem ter si dado conta que, depois do retorno feito a Freud, Lacan não manteve uma linearidade no seu ensino.

Muitos fundamentos que foram desenvolvidos num determinado momento dos seus seminários, quando confrontados, na leitura que faço, com novas questões da clínica, foram sendo modificados, transformados, reelaborados e alguns abandonados. A isso se deve o avanço da psicanálise.

Sempre rigoroso ao seu próprio estilo, sem abrir mão de ser freudiano, Lacan fez cortes e reviramentos, recolocando de forma diferente muitos conceitos por ele e/ou por Freud, já definidos em tempos atrás.

Creio que era assim que ele dava testemunho da sua prática, revelando a todos aqueles que quisessem escutar, a impossibilidade de qualquer garantia de um saber definitivo, inflexível ou fechado nele mesmo, ficando a cargo de cada analista que pratica a psicanálise, reinventá-la a cada atendimento, a cada vez que é convocado a falar, a cada vez que a interroga e é pela psicanálise interrogado.

Bem... me questionar em relação a posição do sujeito no início e no final de análise, é uma tentativa de dar conta desse tempo determinado pelo saber que se inventa na medida em que a Verdade do sujeito é interrogada; interrogada, sempre, pelo próprio \$sujeito, pois é ele, essa entidade evanescente, o único que, em análise, pode, com a ‘ajuda’ do analista, interrogar a sua Verdade, ... Verdade, esta, que sofre uma impossibilidade lógica de ser toda dita, se revelando para o sujeito sempre como meia verdade...

Assim, esse tempo do sujeito, tempo de uma análise, me levou a uma outra questão: e o analista, como se dá a sua produção?

Aqui, não é sem intenção que uso o termo produção e não formação, pois, como disse Lacan em 73, quando ele se ocupava em falar sobre a experiência do Passe e da sua transmissão, formação só existem as do inconsciente e elas são as 4 de Freud. As quatro de Freud que conhecemos muito bem: os sonhos, os chistes, os atos falhos e os sintomas.

Nessa ocasião, chama a atenção para o fato de se fazer notar as coisas das quais ele não falava. Afirma que jamais falou de formação analítica, falou, sim, de formações do inconsciente.

Sobre o Passe, esse dispositivo considerado como sendo o ato de testemunhar que o analisante dá para um colega, diante de um júri, da sua passagem de analisante para analista, não me ocuparei muito hoje, apenas direi que, com esse dispositivo, Lacan,

tentou romper com o modo sob o qual eram apreciados, nas instituições psicanalíticas, aqueles que eram reconhecidos como analistas.

Segundo o próprio Lacan, sempre tinha lhe parecido que esses reconhecimentos participavam das mesmas leis da concorrência que fazem com que a maior parte dos grupos humanos funcionem. E ele, com o Passe, desejava romper com o até então estabelecido nas instituições de psicanálise, propondo assim, um outro modo de organização, sem mestria, sem hierarquia, sem uso/abuso de poder.

De acordo com suas colocações, esse dispositivo era o primeiro passo de algo em um estilo diferente, em uma ordem que muito se aproximava do que ele tinha pensado que especificava o discurso analítico.

Nas suas palavras, o Passe, em efeito, permitiria a qualquer um que, ao chegar ao final da análise pensasse em ser analista; a qualquer um que aí se autorizasse ou que estivesse próximo de o fazer, de comunicar o que o fez se decidir, e se engajar em um discurso onde certamente não é fácil de ser o suporte. (Lacan, Sobre a experiência do Passe, 73)

Como estamos vendo, Passe, final de análise e discurso analítico são temas que estão bem enlaçados. Tramas do mesmo tecido.

Penso, e aqui me arrisco a afirmar que, se há Passe, este não há sem final de análise, já que o Passe é o testemunho que o analisante dá do final da sua própria análise e daquilo que o fez decidir ser analista.

Para Lacan, o Passe se fez necessário porque, sendo o término/finalidade da análise marcado pela passagem do analisante a analista, esse fim guardava em si uma ingenuidade sobre a qual se colocava a questão de saber se a análise sozinha era garantia suficiente para tal.

Constatada essa falta de garantia, o próprio Lacan propõe este outro dispositivo com o qual ele pensava poder saber o que levava alguém, que, já tendo passado pela experiência do inconsciente, a querer receber pessoas que viessem lhe demandar uma análise, chegando a sugerir, no sem. 25, que esse testemunho pudesse ser dado por escrito.

Desapontado com o que as instituições de psicanálise estavam fazendo em nome do Passe durante os últimos 10 anos, “passar por escrito”, expressão que ele usou, teria, ao seu entender, uma chance de estar um pouco mais perto do que se pode atingir do Real, um pouco mais perto da sua proposta inicial.

Um escrito tutorial do saber que o \$sujeito inventa no processo da análise ao se interrogar sobre sua meia Verdade, sendo o Passe, como proposto, o testemunho desse processo. (Escritos, p. 257 e 260; Sem 25, 10 de janeiro de 1978)

Anos antes, nas conferências “Sobre a experiência do Passe”, de 73 e “O sintoma”, de 75, ele já tinha chamado a atenção para o fato de que tentou, ao propor o Passe, evitar o retorno aos velhos hábitos marcados pelo caráter magistral que sempre se manifesta quando alguém está numa situação como candidato, sugerindo assim, que o passante fosse chamado de “um candidato” ou “cândido *a*” [un candidat, ou candide-a] e que, aquele que fosse convocado para escutar, não se colocasse com o “rei na barriga”.

Com receio que isso viesse a acontecer, solicita expressamente que os passadores não fossem escolhidos senão entre os novatos e pelos analistas deles, independentemente de seus consentimentos.

Era importante que o testemunho não fosse endereçado aos que ele chamou “um velho de guerra”.

Infelizmente, suas palavras, se escutadas, não foram e ainda não são, colocadas em prática por muitas instituições de psicanálise.

Bem, depois desse rápido giro pelo Passe, volto ao meu ponto de partida.

Como disse, nesse trabalho, convido vocês a refletirem comigo sobre o lugar do sujeito que demanda uma análise desde o seu início, passando pelo ato de entrada, até o corte que finaliza o trabalho do analisante, ato final, avançando com Lacan pela estrutura dos discursos e pela topologia.

Vou partir do seminário sobre o Ato analítico, no qual Lacan vai dizer que todo ato — e não se trata aqui de ação motora, de gestos ou de atitudes — comporta três características básicas: tem um caráter de acontecimento inaugural, um caráter fracassado e é uma ação significativa.

O caráter inaugural alia-se a uma ação significativa na medida em que está ligado a necessária demarcação de um começo ou recomeço de um ciclo, de um movimento que, a princípio, não tem nenhuma demarcação.

A cada recomeço há uma renovação e toda uma série de atos rituais para marcar a importância simbólica dessa renovação.

Podemos dizer, então, que o começo de uma análise é marcado por um ato de decisão, e demarcado por um significante que o analista recorta do dizer do analisante.

Se o ato analítico é instaurado (e é importante frisar que este ato não é do analista e nem mesmo do analisante — é ato significativo, efeito de corte), o sujeito se verá confrontado, não somente com o objeto que o causou, objeto *a*, mas também com o insustentável e irrisório desta posição.

O ato analítico impõe que o sujeito, para aceder a uma outra posição que não a de objeto alienado à falta do Outro (que enquanto invenção necessária, ganha toda uma

importância), precisa se colocar em consequência de uma perda. Qual perda? A que estava colocada de saída, a do sujeito como objeto causa que ele é.

Retomando em outros termos, o ato analítico é um corte que promove uma transformação radical, passando-se da criação de algo novo ao novo como invenção. Lacan nomeia este ato de *novação*. (Seminário 11, 1964) Ato que vai possibilitar ao analisante inventar um saber sobre sua Verdade... meia Verdade.

Essa *novação* ocorre pelo fato do analista, que não está lá para amar nem para o bem do analisante, e sim para que este questione o seu desejo e interogue a sua meia Verdade, não responder à demanda que lhe é endereçada, possibilitando que o milagre do amor aconteça: o Amor de Transferência.

Uma mudança de posição que, se constituindo como ato, possibilitará ao analisante endereçar ao analista uma outra demanda, essa sim demanda de análise.

O analista também não deve responder a essa demanda, porém, com o seu silêncio, a acolhe, garantido assim a entrada do analisante em análise.

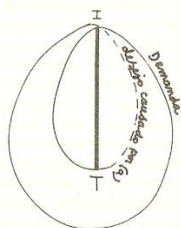
Assim temos: do lado do analisante o que antes era amado – objeto a - vemos surgir a função de \$sujeito do desejo, sujeito barrado – o amante; e do lado do analista, o que antes lhe era atribuído - o lugar de amante - agora é na função de semblante de objeto que responderá...

Primeira mudança de lugar, início da segunda passagem...

Assim, com o surgimento da metáfora do amor, se dá também a transformação da demanda de cura em demanda de análise, provocando advir, no lado do analisante, a dimensão do desejo e do lado do analista, que responde do lugar do SsS (função que, como sabemos, nada tem a ver com a pessoa do analista), o correlativo ao objeto a.

O corte promovido, que vai dar partida a entrada na análise ocorre quando há um giro dos elementos, e o sujeito, no lugar de agente, intervém no campo do outro, ocupado pelo S1, e o faz trabalhar.

Topologicamente, essa primeira passagem pode ser representada pelo oito interior, figura forjada por Lacan no seminário IX, A identificação, para falar das leis do significante, do processo da análise, da identificação, da transferência, da repetição



Se numa análise, do lado do analisante, no primeiro tempo, temos o objeto a, a fórmula do fantasma em vez de ser escrita assim como nós conhecemos, “S punção de a”, devia ser “a punção de S”.

Uma rotação que ganha toda sua importância se a compararmos com a escritura dos discursos radicais.



Vimos que, com essa nova maneira de escrever a fórmula do fantasma, temos as mesmas letras posicionadas nos mesmos lugares das letras no discurso da histórica (que é o discurso do analisante).

Nesta escritura temos (a ---S) no seu lado esquerdo(leia-se no sentido horário), onde S é que vai estar no lugar do agente - agente, como já vimos e ouvimos, é o elemento gerador, da onde nasce os discursos, apesar de não ser a sua causa, que é Real - e o objeto a no lugar da Verdade.

Já no discurso do analista, na sua parte superior, na casa do agente temos o objeto a e na casa do outro o sujeito (também no sentido horário). a -----S.

Do discurso histórico para o discurso do analista: final de análise, o que chamei de terceiro tempo ou segunda virada

Vimos como o corte possibilita uma transformação na economia do desejo do sujeito, na medida em que ele se diz na análise.

Uma mutação que Lacan vai mostrar com o deslocamento do discurso da histórica - aquele que contempla o sujeito, considerando sua divisão subjetiva - para o discurso do analista, discurso sobre o objeto a, o qual o analista faz semblante.

Realizando um giro de $\frac{1}{4}$ passamos do discurso da histérica para o discurso do analista, onde temos, como acabei de mostrar, no lugar do agente o objeto a e no lugar do outro o sujeito.

Chegamos assim ao final de análise, onde o sujeito, agora, na função de sujeito advertido, implicado naquilo que diz, faz uma passagem ao ato esclarecido. Efeito de uma análise chegada ao seu fim/finalidade.

Sujeito advertido... ato esclarecido...

Sujeito advertido é aquele que por dizer, e ao dizer, tem a possibilidade de fazer notar ou observar. Segundo Harari, advertido, é então, quem nota ou observa, implicando-se por estar indiciado, e conta com a alternativa de indiciar, ou seja, de dizer e não tem nada a ver com o termo esperto. (Harari, p. 234)

E o ato esclarecido?

Ainda segundo Harari, a passagem ao ato esclarecido indica como o saber (em ato) dará lugar ao saber fazer com, saber próprio do final de análise.

Lembro aqui da cena do caldeirão, citada por Freud da Interpretação dos Sonhos: um homem empresta a outro um caldeirão e, ao devolvê-lo, o mesmo está danificado.

Quando o proprietário o questiona sobre o ocorrido, ele responde: primeiro, o devolvi intacto, por outro lado, já me deste deteriorado e por último, você nunca me emprestou.

Tudo isso para assinalar sua não responsabilidade sobre o ocorrido. Esta seria a posição do sujeito no início de uma análise, diferente da posição do sujeito advertido do final da análise, sujeito que transformado pelo ato esclarecido passa a assumir as consequências do que faz e do que diz, ou seja, se responsabiliza pelo que lhe acontece, goste ele ou não.

Mas será que para esse acontecimento, a análise é condição necessária, mas não suficiente?

Será que é preciso algo a mais.

Respondo que sim... É preciso que haja desejo de analista.

Sabemos que só existe analista se esse desejo lhe advier, e que, com isso, ele (o candidato a analista) possa suportar ser o rebotalho (rebut) da dita humanidade. (Lacan, Proposição de 9 de outubro de 1967).

No texto “Notas Italianas”, Lacan acrescenta “Um analista é aquele que vislumbrou de que a humanidade se situa pelo feliz-acaso... em função da inexistência da proporção sexual. É nisso que o analista deve ter circunscrito a causa do seu horror, o dele próprio, o horror de saber.”

Horror de saber que não existe proporção sexual.

A partir daí ele adquire a condição de ser um rebotalho. É isso que o analista deve ao menos ter feito o candidato sentir. “Se com isso ele não for levado ao entusiasmo, é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance”. (Lacan no texto Notas Italianas, p. 313)

No final do seu ensino, mas antes do momento de concluir, Lacan vai dizer: não há sujeito, há a, o objeto, com o qual o sujeito se identifica no final da análise ao realizar a travessia do fantasma.

Contudo, me parece que a travessia do fantasma é suficiente para dar conta do término da análise para aqueles que não foram despertados pelo desejo de analista, aqueles que Lacan se referia em uma das conferências dos USA quando comenta que quando o analisante pensa que está feliz por viver, esse é o momento de parar a análise, parar aqui entendo como interrompê-la e não finalizá-la...., pois para uma análise chegar ao seu fim, é necessário que tenha havido a passagem de analisante a analista.

Esse momento de parada mencionado acima é um tempo de análise suficiente para muitos que não foram fígados pelo desejo de analista.

Mas o que determina a interrupção da análise além da crença que se é feliz apesar da dor de existir? Da insustentável leveza do ser?

Será a travessia do fantasma culminando com o des-ser do analista?

O término da relação transferencial?

A destituição subjetiva do analista quando este cai do lugar de semblante de objeto para o analisante, e este se depara com o objeto causa que ele sempre foi e inventa um saber fazer com: *savoir y faire avec* com o que determinou seu o sintoma?

No período entre os seminários 22 e 26, Lacan volta a falar de final de análise e vai correlacioná-la ao que ele denominou identificação ao sintoma (como aparece nas traduções do seminário 24 e 25).

Identificação ao sintoma tem a ver com saber fazer ai com o gozo inerente ao sintoma, aquele que determinou a entrada em análise, que deu a sua partida, ou seja, um saber fazer ai com os fatores da ordem da causa.

Saber manejar os pedaços do Real que não cessam de não se escrever.

Assim sendo, acompanho as colocações da primeira aula do seminário 24, final de análise é identificar-se, “tomando suas garantias e mantendo uma certa espécie de distância, seguindo as palavras de Lacan, ao que cada um conhece melhor, ou seja, ao sintoma. Sintoma enquanto invasão do Simbólico no Real, como aparece na escritura da cadeia boromeana.

Conhecer, nesse seminário, ganha o estatuto de saber lidar com... saber haver-se, saber desvencilhar-se, manipular, desembaraçar...

Então, final de análise não seria aquele instante de ver no qual o sujeito fazente (sujeito advertido é também um sujeito “fazente”, um artesão), além de conhecer seu sintoma, adquire os dispositivos necessários para saber o que fazer com.

Dito de outra maneira, não seria o final de análise dado quando o sujeito fazente inventa um saber fazer com os efeitos de gozo que o Real, o Simbólico e o Imaginário, entrelaçados, produzem no corpo que o sustenta?

Um saber que deixa de ser insabido, um saber que não se sabe, como no início da análise, para ganhar o estatuto de invenção: saber inventado?

No Seminário 25, Lacan é categórico ao afirmar que é possível sim, definir o final de análise.

Usando a topologia para fazer uma mostração, o fim da análise (fim aqui podemos entender como término, mas também como finalidade) se realiza quando se dá duas voltas, isto é, quando se acha aquilo de que se está prisioneiro.

“Recomeçar duas vezes a volta em círculo, o giro ao redor..., certamente isso não é necessário”, acrescenta, “basta que se veja o que se está cativo, e o inconsciente é isso. É a face de Real (...) à qual se está embaraçado.... A análise não consiste em ser liberado de seus sintomas. A análise consiste em que se saiba porque se está embaraçado a eles... De modo que a análise está ligada ao saber.”(Lacan, Tempo de concluir... aula 10 de janeiro de 1978)

Assim, a minha aposta é a de que a intervenção do analista, quando tem efeito de ato analítico, possibilita ao analisante, ao buscar uma entre tantas “vari(e)dade” (varité) da Verdade que lhe convém, inventar um saber fazer com os efeitos dos gozos que lhe afeta no exato momento em que o faz interrogar sobre os enigmas do seu desejo, sobre sua Verdade, e, ao chegar ao final da análise, o analisante inventa um saber fazer com os pedaços do Real que invadem suas realidades... pedaços do Real que ao logo da sua ex-sistência produziram efeitos de gozo, geraram sofrimentos, sintomas, inibição e angústia, quando não, pior.

Por enquanto é isso.

Liane Trece

Trabalho apresentado na XVIII do Espaço Moebius/2019

Referências

Harari, Roberto. Como se chama James Joyce? : A partir do seminário Le Sinthome de J. Lacan. Salvador – BA: Ágalma; Rio de Janeiro: Campo Matemático. 2002

Lacan, J. O Seminário, livro 4 – A relação de objeto – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.1995
Lacan, J. O Seminário, livro 5 – As formações do inconsciente – Rio de Janeiro: Campo Freudiano do Brasil, Jorge Zahar Ed.1999
Lacan, J. O Seminário, livro 22 – RSI – Inédito – 1974/1975
Lacan, J. O Seminário, livro 23: o sinthoma - Rio de Janeiro: Campo Freudiano no Brasil, Jorge Zahar Ed. 2007
Lacan, J. O Seminário, livro 24 – O não sabido que sabe de um-equívoco é o amor – Inédito 1977/1978
Lacan, J. O Seminário, livro 10 – A Angústia – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 199...
Lacan, J. Outros Escritos, Rio de Janeiro: Campo Freudiano no Brasil, Jorge Zahar Ed. 2003
Lacan, J. Escritos, Rio de Janeiro: Campo Freudiano no Brasil, Jorge Zahar Ed. 1998
Lacan, J. Sobre a experiência do Passe, 03-11-73, Intervenção de Lacan na sessão de trabalho sobre o Passe do Congresso da École Freudienne de Paris (1-4/11/73). Tradução: Alexandre Simões (Campo Lacaniano – Belo Horizonte; abril de 1999)